



FAVELA DA MARÉ OU MILAGRE DAS PALAFITAS

Lygia Pape

Ver e pensar a diversidade de invenções nas construções populares verticais, horizontais e em espaços alagados me fascinam.

As questões menos elaboradas e menos técnicas serão sempre as mais ricas; é o broto, o início do processo criativo, que não necessariamente nos leva à perfeição das formas ou a um outro fim.

O fim não me interessa, mas o caminho percorrido, a criação em suas diferentes formas e manifestações, o invisível que nos transforma.

A Favela da Maré, para mim, é o fazer espontâneo de duração improvável. O sentido espacial desse aglomerado habitacional é absolutamente inusitado e precisa ser explorado.

Levei muitos alunos da arquitetura da USU (Faculdade Santa Úrsula), à Favela da Maré, tendo consciência de estar desbravando um terreno virgem. Levar esses jovens a um lugar que jamais pisariam de outra forma era também um desafio.

Eu quero mostrar uma nova realidade estética e poética vital. Seria como uma REVELAÇÃO.

Minha intenção no meu trabalho e minhas aulas nesse momento se mostra intensificada em vivências externas e diretas de interpretação do mundo.

Nossas visitas não eram muito regulares, aconteciam quando o tempo também permitia.

Eu falava um pouco sobre cada espaço que percorríamos, mas deixava que cada um fizesse suas próprias descobertas, que, depois, claramente eu percebia nas alterações do traço e dos projetos. É animador ver a mudança do olhar.

Já entrei em praticamente todas as favelas do Rio de Janeiro, tal era a minha curiosidade em ver revelados esses “novos” espaços. Eu fazia uma espécie de imantação mental e adentrava aqueles espaços delirantes.

A Favela da Maré se difere das outras favelas, pois se assemelha a um organismo vivo, talvez pela integração com o mar. É complexo viver sobre a água, mas o senso espacial extremamente simples contrasta absolutamente com a complexidade de suas construções.

De cima, vendo de outra favela próxima, essa sensação de organismo vivo é gritante, como um animal gigantesco adentrando o alagado, uma visão bela e intrigante.

Tarde de Domingo na rua Ary Leão - Parque União - Maré. Foto de Davi Marcos

De volta andamos pelas vielas, e em certos trechos somos obrigados a utilizar pequenos barcos que fazem parte da movimentação desse mundo, partes que ainda estão sendo ocupadas ou que, pela situação geográfica, não permitem o avanço das palafitas. A imagem dessas habitações nos remete a uma fotomontagem... ao mesmo tempo que falo de construção, vejo imediatamente a desconstrução; caminham em paralelo.

São milhares de imagens se entrelaçando sem parar, um moto-contínuo de plasticidade infinita.

As cores também chamam minha atenção, por serem desgastadas, bem diferentes das casas da Zona Oeste do Rio, casas de Santa Cruz e outras localidades, aonde levei diversos alunos.

Aqui o desbotado, o descascado tem a preferência. O tom azul e verde (esverdeado) é escolhido em sua maioria pelos moradores; vez ou outra aparecem um amarelo-ovo (desbotado também) ou um rosa. Os tons pastéis predominam, o tom das madeiras velhas; não há dinheiro para a pintura.

Incrivelmente, nesse lamaçal, em pleno verão carioca, percebo que o ar circula livremente dentro das habitações e quase não se sente o odor forte quando a maré baixa. Reparo então no uso da brisa, assim como nas casas japonesas, em que o ambiente ao redor participa das construções; os "inventores-moradores" desse local intuitivamente criaram uma solução fantástica ao criar janelas internas que interligam as moradias. Essas soluções são impressionantes devido ao caráter espontâneo que se apresenta, deflagrando uma reação em cadeia. É a precariedade das formas para resolver as situações apresentadas que me surpreende... a razão de estarmos lá.

As entradas e saídas alteravam frequentemente; nada era muito permanente, e eu não sentia o começo da Favela ou um final; o espaço se transformava constantemente na medida do útil ou do necessário. Como uma fita de MOEBIUS os caminhos se entrelaçavam num movimento sem fim. O que mudava um pouco era o fator "maré"; de seis em seis horas, o ambiente se transformava; era uma sensação engraçada; de certa forma sentíamos tudo se mexer sob estacas de 1,20m a 1,8m. Cheguei a fazer um filme que começa de trás para a frente e depois retoma o ritmo normal. Foi a sensação que tive de estar andando para frente e para trás num mesmo espaço; como eu disse, nada parecia delimitado, eram caminhos que levavam aos mesmos caminhos. A precariedade dos materiais é evidente, porém a estrutura realizada em termos arquitetônicos nesse tipo de terreno é quase surrealista e beira a perfeição criativa. Aqui não se vislumbra uma concepção urbanística, longe disso, mas uma forte concepção estética e poética de duração temporária, e era justamente essa não duração que nos fazia sempre retornar. Não havia a intenção de racionalizar o espaço, mas decifrar sobre o espaço e suas soluções inteligentes, simples ou mesmo sofisticadas. Fotografei muito este local, as pessoas, detalhes de suas moradias, como as entradas, quartos, salas, tudo.

Continuava levando meus alunos a diversos tipos de favelas, sejam as verticais (morro) ou as horizontais (baixada), mas as questões mais criativas estavam no Complexo da Maré. Com essa diversidade de construções eles puderam perceber que ali também havia uma noção de intemporalidade muito forte, porém menos que nas casas de beira de estrada; essas comparações eram muito claras

até pelas pessoas que se apresentavam para morar em cada tipo de habitação.

Com o tempo se começa a perceber também os materiais utilizados dentro das casas, como sacos de batata como redes para dormir, latas de leite forrando paredes contra o frio no inverno. Pedacos de madeira velha, de todos os tamanhos e tipos eram utilizados; de repente o descartável, o lixo, era reinventado como material de suporte arquitetônico real.

A Favela da Maré é um exercício dos sentidos, das surpresas e das soluções inusitadas. Fiz várias reconstruções de casas populares com meus alunos utilizando um espaço abandonado, ao ar livre, e dessa forma fixava em cada uma suas próprias memórias internas... memórias sensoriais, memória do corpo e do espaço observado.

Esta era uma questão que me intrigava, os "projetistas-Construtores" não tinham parâmetro de nada; isso era de fato pura criação, assim, como um desenho de uma criança ou de um artista livre de imposições, que trilha seu caminho sem medo, atraído apenas pela proposta criativa.

Assim é a Favela da Maré ou o Milagre das Palafitas.